

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Maremoto*. Lisboa:
Relógio D'água Editores, 2021.

Roberta Guimarães Franco

Professora da Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG).

O sétimo livro de Djaimilia Pereira de Almeida, *Maremoto*, foi publicado em abril de 2021 em Portugal pela editora Relógio D'Água, reforçando a mudança de uma política editorial sobre a apresentação da autora na orelha de seus livros. Se as suas primeiras obras, publicadas pela Leya e pela Relógio D'Água, foram marcadas pelo elemento pré-textual focado na biográfica condição migrante de Djaimilia – seu nascimento em Angola, a mudança para Portugal e a vida nos subúrbios de Lisboa – os três últimos livros, *A visão das plantas* (2019), *As telefones* (2020) e *Maremoto* (2021), limitam-se a citar obras anteriores e prêmios. A alteração, relevante e nada inocente, é resultado da recepção que os livros que Djaimilia têm conseguido, especialmente nos espaços acadêmicos, incluindo os brasileiros, com mais força a partir da

publicação de *Esse cabelo* (2015) em 2017 no país e consequente participação da autora na Feira Literária de Paraty.

No entanto, se as edições têm afastado a biografia e destacado a trajetória da escritora, a publicação de *Maremoto* confirma o desenvolvimento de um projeto literário voltado para a questão do trânsito entre Angola e Portugal nas últimas décadas e para as vivências dos imigrantes na capital portuguesa. Mila, em *Esse cabelo*, Cartola e Aquiles, em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, Solange, em *As telefones...* experiências marcadas também pelas separações familiares característica dos processos migratórios em busca de melhores condições de vida. *Maremoto* amplia a abordagem ao trazer o sr. Boa Morte da Silva, guardador de carros na rua António Maria Cardoso, no centro de Lisboa, como personagem central e narrador de boa parte da obra: “[...] sou um homem sem bagagem, filha, um marinheiro sem navio. Minha terra são esses malucos do Chiados, ninguém nos vê pele rua, podemos andar esfarrapados, ninguém nos olha, mas nós vemos uns aos outros, vivemos aí, na transparência [...]” (2021, p. 15).

A reconhecida invisibilidade diante dos apressados que passam e a precariedade do trabalho informal são, por vezes, contrastadas com uma ingênua percepção de um assimilado, orgulhoso de uma terra que, definitivamente não o acolhe. Boa Morte, nascido em Angola, atuou como combatente do exército por-

tuguês na guerra na Guiné-Bissau, e constantemente oscila entre considerar a importância do seu trabalho como uma espécie de agente indispensável da cidade de Lisboa e a visão de uma ilusão: “Que pátria terei, se não meu Portugal e minha gente? Que outra pátria será a minha, se não essa minha ilusão? [...] Trago Portugal no peito, mas meu país é esse engano [...]” (2021, p. 72).

A ilusão de Boa Morte é aquela alimentada e sustentada pela política assimilacionista do imaginado e imaginário império português reforçada durante os longos anos do Estado Novo e na própria Guerra Colonial. Mas *Maremoto* não se volta para o passado deste contexto político, deixando a cargo de um leitor ideal, familiarizado com a história recente de Portugal e com as especificidades sobre a descolonização, o preenchimento dessas lacunas e a compreensão da dubiedade que constitui o personagem-narrador, ora orgulhoso, ora preenchido por remorso e vergonha: “Portugal, como te explicar a ti que essa é minha terra, filha, sem ferir teu coração? Terra dum homem é a terra que ele cava, terra pela qual um homem mata, e eu matei por Portugal antes de conhecer as ruas de Lisboa” (2021, p. 67).

A crise de consciência de Boa Morte aparece sobretudo na escrita dos papéis para sua filha Aurora, escrita que é também responsável pela estrutura da narrativa conduzida pelo personagem. Do mesmo modo que a obra não contempla o passado político

que precede essa história, pouco sabemos sobre a trajetória de Boa Morte para além da sua participação na guerra, da violência cometida contra a esposa que tentava abrir os seus olhos sobre os devaneios que alimentava ao sonhar com a pátria portuguesa, e da existência de uma filha perdida, para quem escreve mesmo sem saber o seu paradeiro e para onde enviar os tais papéis.

Nesse sentido, *Maremoto* adensa o esfacelamento familiar já presente em obras anteriores, especialmente em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, com a viagem de Cartola e Aquiles para Portugal e a permanência de Glória em Angola, e em *As telefones*, com a difícil manutenção da relação entre mãe e filha, em Luanda e Lisboa, respectivamente, por meio das conversas telefônicas e dos raríssimos encontros. Em *Maremoto* há apenas a escrita, é por meio dos papéis que Boa Morte conversa com uma filha que beira a inexistência, dado o desconhecimento do seu paradeiro, mas é justamente o movimento da escrita que mantém o elo:

Não importa se me lerás ou não. Importa este raio que liga meu coração à ideia do teu coração. Se eu continuar a escrever, estou vivo, filha. Se eu continuar a escrever, tu vives. Quando descubro uma frase bonita me apetece repeti-la muitas vezes. Leio em voz alta o que escrevi. Fico todo vaidoso. [...] Vives na medida em que te escrevo, tal como eu vivo por te escrever. Se eu escrever, tu vives, Aurora. Se eu escrever, eu, Boa Morte, vivo (p. 85).

Se a escrita mantém o elo, outra relação é construída na obra, como a apontar uma família possível. A exemplo da relação entre Cartola e Pepe em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, Boa Morte nutre uma amizade paternal com a Fatinha, que vive na paragem do 28, e, de fato, parou no tempo, com seus eternos vinte anos e de quem não sabemos nada além dos delírios e da precariedade da vida na rua, e dos cuidados que Boa Morte carinhosamente destina a ela, como o jantar da passagem de ano: “Fatinha ficou tão contente, parecia que eu estava na companhia de uma jovem com saúde. Descemos da Rua do Loreto até à beira do rio para podermos ver o fogo-de-artifício à meia-noite” (2021, p. 81)

São os momentos com Fatinha, apesar de tudo, que trazem um alento para a vida de Boa Morte, poder cuidar de alguém, talvez em substituição à filha perdida, dá algum sentido àquela existência, e, para a narrativa, ajudam a compor uma certa quebra nas imagens da dura realidade, mesmo com a sua permanência evidente. Talvez este seja o ponto em *Maremoto*, a oscilação de Boa Morte, entre orgulho e culpa, entre desejo de viver e de morrer, entre o carinho destinado à filha na escrita e à Fatinha nos cuidados diários e a lembrança de matou “os seus” na guerra. Não à toa, na mesma passagem de ano que compartilha com Fatinha, reflete sobre a chegada do novo século e na sua imagem de farrapo que se mantém: “Sento-me no chão e penso *Boa Morte da Silva, seu sacana, viste o*

século XXI. Vi, está visto, e afinal é assim: calçada suja, calça encardida, manchada de mijo, frieira nas mãos, pingo no nariz, testa gelada, cinto de sisal” (p. 93).

Se sentir-se vivo é também um ponto paradoxal na construção do personagem Boa Morte, pois apesar de escrever para viver, o desejo da morte, já presente no próprio nome, ronda as declarações do narrador. A espera por uma hérnia que se rompa, a preocupação com o direito a um enterro, o desejo de se lançar ao Tejo e abreviar aquela (não)existência: “Mas quem me ia chorar? Preferia cair ao rio Tejo. Ser enterrado em água. Juntar-me ao cemitério de navios” (p. 93). Tal qual o movimento de um maremoto, a agitação seguida da calma, Boa Morte oscila, mas os destroços estão lá, ecoando na escrita, na vontade de deixar as memórias para a filha e, sobretudo, na ânsia de que ela siga por um caminho melhor do que seu: “*Aurora, minha filha, só espero que, onde quer que estejas, sejas mais gente do que teu pai foi, que minha mancha não te manche, que não te tenha manchado, que minha dor nunca te encontre”* (p. 102).

Em *Maremoto*, Djaimilia Pereira de Almeida alia a complexidade dessas vivências invisíveis, consequência de um processo que não ficou no passado, mas que se desdobra todos os dias em novas desigualdades, à uma capacidade de vislumbrar na pessoa de Boa Morte às potências de uma vida, apesar de tudo. Oscilando, como as vagas de um mar turbulento.